



2-O semiárido brasileiro na grande mídia: da estereotípiã à proposição de novas perspectivas comunicacionais contextualizadas

Uilson Viana de Souza¹

Resumo

O presente artigo é uma produção inédita que tem como objetivo discorrer sobre como o semiárido brasileiro é veiculado na e pela grande mídia brasileira. Ele é fruto de uma pesquisa desenvolvida no Trabalho de Conclusão do curso da Especialização em Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido², onde tomou como base a análise de 07 matérias jornalísticas da Rede Globo de Televisão sobre a seca no Semiárido Brasileiro, a fim de identificar o discurso da reprodução midiática da seca e o da convivência com o semiárido. A metodologia perpassou pela catalogação, descrição e análise do discurso jornalístico presente nas matérias. O trabalho conclui com as análises do autor apontando os resultados e propondo caminhos para uma outravisibilização sobre esta região, além de fazer uma discussão sobre as alternativas voltadas para a educação para os meios de comunicação.

Palavras-chave: mídia; semiárido; análise de discurso; educação; comunicação.

The Brazilian semiarid in the mainstream media : the stereotype to propose new perspectives contextualized communication .

Resume

This article is an original production that aims to discuss how the Brazilian semiarid region is transmitted in and by the great Brazilian media. It is the result of research conducted in the course of Completion Work of Specialization in Contextualized Education for Coexistence with the Semi-Arid, which was based on the analysis of 07 news stories of the Globo Television Network on the drought in the semiarid Brazilian in order to identify the discourse of media reproduction of drought and the coexistence with the semiárido. A methodology pervaded by cataloging, description and analysis of journalistic discourse in this matérias. O work concludes with the author's analysis pointing out the results and suggesting ways for another visualization about this region, in addition to making a discussion of the alternatives facing education for the media.

Keywords: media; semiarid; discourse analysis, education, communication.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos (PPGESA-UNEB).



El semiárido brasileño en los medios de comunicación : el estereotipo de proponer nuevas perspectivas de comunicación contextualizada .

Resumen

Este artículo es una producción original que tiene como objetivo discutir cómo la región semiárida brasileña se transmite en y por los grandes medios de comunicación brasileños. Es el resultado de la investigación llevada a cabo en el curso de Finalización Obra de Especialización en contextualizada Educación para la Convivencia con el Semiárido, que se basó en el análisis de las 07 historias de las noticias de la cadena de televisión Globo sobre la sequía en el semiárido brasileño con el fin de identificar el discurso de los medios de reproducción de la sequía y la convivencia con la metodología semiárido. A impregnado de catalogación, descripción y análisis del discurso periodístico en este trabajo materias. O concluye con el análisis del autor señalando los resultados y sugerir maneras para otra visualización sobre esta región, además de hacer un análisis de las alternativas que enfrenta la educación para los medios.

Palabras clave: medios de comunicación; semiárido; análisis del discurso, la educación, la comunicación.

A seca no contexto histórico do semiárido brasileiro

A seca na região semiárida é compreendida como um período de estiagem das chuvas com duração de oito meses, geralmente indo de Março a Outubro, sendo interrompido com o período chuvoso entre os meses de Novembro a Fevereiro. É tida como um fenômeno natural do clima semiárido, onde as chuvas são cíclicas, porém possíveis de serem previstas nesta região (IRPAA, 2001, p.31). Assim, ela sempre existiu nesta região, sendo definida pela característica do clima, tendo em vista a sua precipitação pluviométrica variável de uma região para outra. “No litoral leste, as chuvas são superiores a 1.000 mm e, à medida que se vai adentrando no Semiárido, passando pela zona Agreste e se dirigindo para o Sertão, as precipitações diminuem e alcançam valores médios inferiores a 500 mm anuais” (EMBRAPA, 2005, p.39).

Partindo de tais constatações é possível afirmar que a previsibilidade de secas é um potencial instrumento ou para a prevenção dos governos no sentido de institucionalizar políticas públicas para amenizar as dificuldades deste período, criando possibilidades concretas de manutenção das famílias no campo, ou serve por outro lado para a manutenção de uma situação assegurada pelo discurso do combate, do

favoritismo, sustentada numa política de indústria de seca a partir de ações paliativas. Os agricultores por sua vez se tivessem acesso a tais informações através de órgãos de pesquisa e de assistência técnica que também é responsabilidade do estado, teria como prevenir contra a estiagem, começando pelo plantio de culturas adaptadas e com o aproveitamento da vegetação propícia para a alimentação animal em fartura no tempo chuvoso, transformando-a em fenação e silagem³.

Ao contrário do que se podiam fazer tendo em mãos a previsão das secas, os atores desta indústria a exemplo de políticos, fazendeiros, coronéis por muito tempo se fartaram dos recursos destinados a estas políticas e por sua vez, fizeram uso desta previsão de seca para executarem políticas emergenciais sem garantia de uma política permanente para as famílias do campo no intuito de perpetuarem no poder. Para Muniz de Albuquerque (2011) o discurso da seca é um dos responsáveis pela unidade dos interesses regionais e de práticas políticas e econômicas. Ele afirma ainda que o discurso da miséria e do flagelo tenta criar o imaginário de um lugar abandonado pelos poderes públicos. Por sua vez, este discurso tem a seca como a principal arma para dar visibilidade a um Nordeste miserável, pedinte e sofrido.

Esta região sofreu forte influência tanto do ponto de vista político como econômico, a partir da sua formatação enquanto região, que vai sendo definida pelos órgãos públicos. Primeiro foi-se inventando o Nordeste, que até então não existia com esta definição, antes se definia como região Norte. Por isto o fato de até hoje as pessoas que migram do Nordeste para São Paulo serem tratadas como nortistas (CARVALHO, 2011). Por conseguinte o que havia sido definido em 1936, como polígono das secas que delimitava a principal área de ocorrência das secas passa em 1989 a ser tratado de região semiárida, definida pela SUDENE (CARVALHO, 2011).

O Sul seria o fundamento da nação, em detrimento daquelas áreas onde dominavam as camadas plebéias, mestiças, profusa mistura de sangues bárbaros, inferiores psicologicamente, ou desorganizadas em sua oralidade. O destino do Norte era ficar cada vez mais subordinado à influência dominante dos grandes campos de atração do sul. O Norte estaria condenado pelo clima e pela raça à decadência. Discursos partidos de ambos os espaços explicavam assim o atraso do país e reivindicavam a “realização providencial de injeção

³ Tecnologia social desenvolvida pelos agricultores para aproveitamento e armazenagem da vegetação verde como ração animal para uso durante o período seco.

concentrada de sangue restaurador europeu, já que o nortista era geralmente pequeno e descarnado (ALBUQUERQUE, 2011. p70 e 71).

Os órgãos federais que vão sendo implementados com o intuito de mitigar a seca, persistiram por muito tempo no discurso do combate e continuaram a desenvolver as mesmas políticas sem efetivar de fato as mudanças necessárias. O direcionamento dos recursos voltados para programas de combate à seca sempre foram destinados às prefeituras municipais em forma de frentes de serviços, cestas básicas, carros-pipas. Isto fortalecia velhas práticas e favorecia grupos políticos e coronéis. Assim os políticos detinham o poder do controle e mantinham seus eleitores numa constante dependência política do chamado cabresto⁴. Deve-se muito a esta conjuntura que se instalou no Nordeste, a visão de desenvolvimento que foi sendo concebida, voltada apenas para uma problemática climática.

Ao considerar estas questões para o semiárido brasileiro e como se estabeleceu a relação natureza, território e desenvolvimento pode-se avaliar que essa trilha no sentido de limitar a realidade à descrição da problemática climática, a seca, os seus efeitos socioeconômicos, combatidos e corrigidos via infraestruturas hídricas, ou seja, desfocando as problemáticas dos reais mecanismos estruturais, criadores e reprodutores da concentração do poder e da riqueza, cujos expoentes, concentração fundiária, domínio sobre a água armazenada, e outros monopólios ficaram escamoteados pela presença fatídica da seca (CARVALHO, 2011, p.61)

A construção do imaginário popular reforçado pela grande mídia faz desta região e da seca uma representação uniforme, homogênea, desconsiderando a sua biodiversidade de fauna, flora, solos e hábitos culturais e de cultivos diferentes. Uma das principais características do semiárido brasileiro é sua multiplicidade em se tratando de seca e chuva, ou seja, há uma diferenciação em termos de quantidade de chuvas e de distribuição da mesma de uma região para outra. Em relação a isto Favero e Santos (2002) afirma que existe três tipos de seca “ a hídrica, pequena, dando suporte apenas para a agricultura e a pecuária de subsistência, a seca agrícola, ocorre quando há chuvas, mas mal distribuídas em termos de tempo e espaço e a seca efetiva, caracterizada pela baixa precipitação e má distribuição de chuvas”. (FAVERO e SANTOS, p.73)

⁴ Termo utilizado para denominar a dependência política, já que cabresto diz respeito ao instrumento que domina o animal (cavalo), podendo ser conduzido pelo homem por onde este desejar.

Esta é uma perspectiva pouco ou quase nada considerada pelos meios de comunicação e os centros de pesquisa que caracterizam a seca em sua singularidade, sem considerar suas especificidades de lugar, de tempo e de consequências. Neste sentido a imagem da seca do Nordeste é disseminada pelos veículos de comunicação de forma redundante e estereotipada. Historicamente a região semiárida tem se caracterizado enquanto um território demarcado e delimitado por uma dependência política, quando pensa o desenvolvimento deste território. Para Albuquerque Junior (2011) esta visão específica dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço.

As políticas desenvolvimentistas desencadeadas e gestadas por governos conservadores tiveram significada influencia na afirmação e repetição do discurso do combate à seca, para isto desenvolveram políticas e frentes de trabalho que segundo Oliveira (1981) fortaleceram as práticas de assistencialismo e o beneficiamento de coronéis, alimentando-se da miséria do povo sertanejo. Se a seca no Nordeste sempre existiu, então de fato ela sempre foi financiada a fim de ser “combatida”, como afirmava os discursos e programas governamentais, alimentando ano após ano uma indústria da seca fomentada não só por políticos, mas historicamente por um modelo latifundiário sustentado pelos coronéis do Nordeste.

Recrutava-se a mão de obra desocupada pela estiagem e empregava-se na construção das barragens e das estradas; os resultados deste trabalho concretizavam-se nas barragens feitas nas propriedades dos grandes fazendeiros e nas estradas, às vezes estradas privadas no interior dos grandes latifúndios. Alguns estudiosos críticos dos próprios quadros do DNOCS chegaram a calcular que se essa mão de obra em todas as secas de que há memória no Nordeste, desde a criação do INFOCS, tivesse sido utilizada na construção das barragens públicas, a grande maioria delas estaria construída a muito tempo. (OLIVEIRA, 1981, p.55).

A má utilização dos recursos públicos e do direcionamento das políticas influenciou deste feito a dependência política, a cultura do individualismo, do receber algo em troca, impossibilitando assim o empoderamento e a organização social dos sujeitos, fomentando assim a famigerada política assistencialista das vítimas deste sistema, tendo apenas a seca como discurso estruturante deste sistema.

Abordagens e reproduções do semiárido brasileiro na grande mídia

Historicamente a região do semiárido brasileiro é vista pela grande mídia como lugar pobre, sem condições de vida. Esta afirmativa se repete a cada reportagem em que enfatiza as grandes secas desta região. Para Albuquerque (2012), os grandes meios de comunicação tratam o sertão como um lugar à parte do planeta terra, já que afirmam que “lá” no sertão não há condições de vida. O período de estiagem no semiárido nordestino tem pautado os principais veículos de comunicação ocupando um espaço privilegiado nos noticiários a nível regional e nacional. No campo da comunicação o semiárido tem sido divulgado de forma preconceituosa, com uma imagem distorcida, sendo reproduzida pelos grandes veículos de comunicação. Vemos a repetição das mesmas cenas de seca, mostradas pelo mesmo ângulo sem apontar o avanço social e tecnológico das experiências que foram sendo desenvolvidas ao longo de décadas por agricultores e entidades, que encontram aqui alternativas viáveis de conviver com o clima.

A imprensa a cada ano repete a mesma cena: no primeiro semestre mostra as famílias plantando milho e feijão com muita esperança na terra, agora molhada pelas chuvas. No segundo semestre, mostra as famílias com as lavouras queimadas pelo sol e uma senhora, mãe de família, mostrando uma panela com alguns grãos de feijão como a única alimentação do dia. Caso a imprensa usasse uma pequena parte de seu senso investigativo, veria que aquela família está em situação de miséria não por conta da seca, mas por causa da falta de políticas apropriadas para o Semiárido (SANTOS, 2008, p.02)

Esta delimitação é uma opção de enquadramento (CHRISTOFELETTI, 2010) escolhida pelas empresas de comunicação que leva a um direcionamento tendencioso, A grande mídia tem se aproveitado desta produção pré-concebida sobre o Nordeste e tem reproduzido a imagem enquanto lugar pobre e sem condições de vida. Para a ASA (2011) as políticas de combate a seca acabaram por contribuir com este imaginário negativo e os meios de comunicação por sua vez passaram a priorizar apenas os fatos voltados para a estiagem. “O que era resultado da falta de infraestrutura hídrica virou apenas a falta de água. O que era ausência do estado enquanto provedor de políticas públicas passou a ser a incapacidade de seu povo de inovar e criar alternativas de conviver com as condições de semiaridez da região” (ASA, 2011, p.04).

Vejamos um trecho de uma matéria veiculada no mês de Fevereiro sobre a seca na região de Petrolina PE. “O milho plantado em fevereiro já sofre com a falta de chuva, a seca esta devastando o sertão pernambucano e os agricultores sofrendo as

consequências, a situação é cada vez mais difícil” (TV GRANDE RIO, 2011). Matérias como esta apontam para uma visão cada vez descontextualizada, levando a entender a tendência do veículo em repetir chavões a cada matéria que fala de seca. De antemão a matéria já os dá base para identificar um dos aspectos da linha editorial da empresa jornalística, ou seja, há uma falta de apuração sobre o assunto, a busca de fontes oficiais que possam debater a questão. Entrevistar um engenheiro agrônomo, por exemplo, ajudaria a esclarecer que o milho é uma cultura inapropriada para esta região, tendo em vista a quantidade de chuva que necessitaria para concluir o seu ciclo produtivo. Portanto poderia reforçar o cultivo de culturas adaptáveis, apontando caminhos de convivência com o semiárido e discutindo o período de plantio que a reportagem mostra neste caso o mês de Fevereiro com baixa precipitação ou sem a existência de chuva.

Santos, (2008) em seu artigo “seca é seca”, falta de água é justiça, ajuda-nos a pensar no aspecto produtivo no semiárido, quando aborda a questão da distribuição de chuvas e ao mesmo tempo reforça a presente observação feita acima sobre a matéria da TV Grande Rio afiliada à Rede Globo, em relação às possibilidades de outros enquadramentos que poderiam ser considerados pela mídia.

Sendo a região imprópria, na sua maior parte, para o cultivo de plantas sensíveis à irregularidade das chuvas, uma possibilidade de produção sustentável é a pecuária. Outra possibilidade segura de renda seria o extrativismo, principalmente de frutas nativas. Mesmos nos anos de seca, as plantas da caatinga conseguem armazenar água suficiente pra garantir a frutificação que, se aproveitadas e transformadas geram renda muitas vezes superiores à conseguida com a agricultura (SANTOS 2008)

A esta falta de sensibilidade discursiva repetida nas reportagens, Rogério Cristhofoletti (2010) refere-se a um processo de enquadramento da notícia. Para ele o enquadramento é a maneira como o repórter vai abordar e mostrar a notícia, tendo em vista que este enquadramento deve proporcionar ao leitor ou telespectador uma visão ampla, capaz deste entender o processo de produção e se nortear a partir de suas próprias visões. Ao contrário disto a notícia se torna restrita, parcial e por sua vez distorce e reduz a compreensão do fato por inteiro (CHRISTOFELETTI, 2010). No contexto político esta veiculação que deveria servir para sinalizar demandas e apontar políticas permanentes ainda continua a serviço de um modelo de comunicação restritivo e atrasado que ainda está longe de romper com os velhos jargões empresariais.

Mesmo com mudanças significativas na política brasileira, não se pode negar que as políticas compensatórias dos governos ainda persistem em forma de programas sociais que tem contribuído muito com a permanência das famílias nesta região, mais que precisam avançar para um processo de legítima e efetiva participação de autonomia dos sujeitos, capazes de se libertarem dos estereótipos que nos perseguem desde a criação do Nordeste, sendo tachados de preguiçosos, ignorantes e sem capacidade de produção intelectual. O professor Juracy Marques dos Santos (2011) em seu estudo sobre ecologia de homens e mulheres do sertão destaca que, “apesar dos investimentos, ainda há muito por fazer pelo semiárido do Nordeste do Brasil. São assustadores os índices sociais e a perversa construção /invenção da miséria que afeta os mais de 1.133 municípios e os quase 27 milhões de sertanejos e sertanejas que vivem nos diferentes espaços do sertão” (SANTOS,2005) .

As políticas públicas e os programas sociais carecem avançar para a construção de um semiárido viável tendo como principio o protagonismo de homens e mulheres a fim de se emanciparem não ficando presos à condição social de coitadinhos que necessitam de esmolas outrora oriundas de campanhas de arrecadação de alimentos, e agora do cartão bolsa família tão somente, condições estas, tão disseminadas pela mídia.

Metodologia: apresentando uma análise sobre a veiculação da seca na programação jornalística da TV Globo

Nesta sessão, após fazer uma apresentação sobre a veiculação da região semiárida na grande mídia, passamos a apresentar como se deu a metodologia da pesquisa teve como foco a catalogação de matérias com abordagem sobre o discurso da seca com ênfase na reprodução deste discurso apenas de uma situação de seca e por outro lado matérias que trouxessem o discurso da convivência com o semiárido. A Globo foi escolhida tendo em vista que representa-se enquanto um dos maiores veículos de comunicação da grande mídia, pela sua distribuição de conteúdo e audiência na região em análise, com possibilidade de identificar conteúdo jornalístico de diversas partes do semiárido. Neste sentido foram identificadas 07 matérias dos programas Jornal Nacional, Profissão Repórter, Globo Rural e Globo Cidadania.

Todas as matérias selecionadas foram ouvidas e perpassou por um processo de análise que perpassou por uma descrição técnica de cada matéria, em termos de quantidade de tempo, região abordada, repórter, horário que foi ao ar. A segunda construção foi uma descrição detalhada sobre o que aparecia nas matérias, a exemplo de lugares, personagens, atores, fontes e imagens. Na terceira e última discussão o autor apresentou uma análise tomando como base estes elementos e suas conclusões. Foram analisadas matérias de períodos de estiagens diferentes a fim de compreender como se deu a construção do discurso e se ele se repetia.

A seca de 2012, ano reconhecido pela grande mídia como o marco de uma das maiores secas dos últimos 30 anos, foi veiculada com muita assiduidade agendando os veículos de comunicação. Destaca um discurso repetido sem novidades, o que muda é a região, a localidade. Foram frequentes matérias com esta característica, onde, por exemplo, focou na baixa do volume de água nos grandes reservatórios, mas não chegou a problematizar como e para quem foram pensados estes empreendimentos. O reservatório de Mirorós, situado no território de Irecê, foi um destes casos veiculado em uma matéria que foi ao ar no Jornal Nacional em 2012. O que pode ser percebido é que numa mesma emissora de televisão o discurso da seca é convergente, porém existem diferenças na forma de abordar a questão entre alguns programas. O programa Globo Rural tem um perfil mais técnico, voltado para um público muito específico que está no campo, diferente do Jornal Nacional não é uma abordagem para causar clamor e piedade do Sertão Nordestino tem um perfil propositivo, apesar de apelar para as mesmas imagens que podem serem também vistas no Jornal Nacional. Da mesma forma que foi possível analisar as matérias veiculadas sobre o discurso do combate a seca e as condições inviáveis de sobrevivência na região semiárida, podemos perceber que no mesmo ano considerado a maior seca dos últimos 30 anos em 2012-2013, foram também ao ar no mesmo veículo de televisão matérias que priorizaram ações e iniciativas de convivência com o semiárido, a exemplo das tecnologias sociais. A matéria que foi ao ar em Março de 2013 no programa Profissão Repórter teve como cenário o sertão nordestino, mais precisamente a região Norte da Bahia, entre os municípios de Juazeiro e Uauá. O cemitério de vacas mortas prevalece. Contrapondo a este discurso, direciona o texto para dar visibilidade às práticas de convivência com o semiárido, como a utilização do mandacaru na alimentação animal, mostra a criação de



cabras e afirma que seu Alcides, um dos entrevistados aprendeu que o semiárido não é lugar para gado. Para confirmar esta afirmativa ele apresenta os dados do consumo de alimento e bebida consumidos por uma vaca e por uma cabra.

A imagem de um rebanho de cabras gordas durante um período de estiagem contrasta com os cemitérios de gado tão difundidos e repetidos desde a matéria de 1983 sobre as viúvas da seca que historicamente só serviram para fortalecer o apelo da seca, como uma região inviável. A proposta desta matéria, por outro lado atende o apelo de centenas de agricultores e instituições em mostrar que esta região estereotipada pela indústria da seca e a veiculação pela grande mídia tem também outros cenários e recortes fundamentados e difundidos enquanto práticas viáveis de convivência com o clima. A reportagem segue para a COPERUC, Cooperativa de produção dos municípios de Curaçá, Uauá e Canudos, no território Sertão do São Francisco, lá o foco é mostrar o beneficiamento do umbu a partir da produção de subprodutos, como o doce, a geléias, etc. A matéria sobre as viúvas da seca de 1983, que foi suitada em 2012 a fim de mostra como vivia as famílias 30 anos após a grande seca, trouxe como imagem nova apenas a aposentadoria que representa atualmente a principal fonte de renda no sertão.

Analisando os resultados obtidos

A Rede Globo que desde seu surgimento tem sido questionada pela sua linha editorial, sendo considerada uma das maiores Rede de Televisão aberta de concessão pública no Brasil, tem nestas últimas duas décadas adequado seu discurso ao seu público. Esta é uma prática que a partir dos anos 1980 a TV brasileira passa a adotar uma nova postura, tendo como base a busca por novos telespectadores na disputa pela audiência. Segundo Ponte (2005, p.85) esta mudança está fundamentada a partir das transformações econômicas da mídia, levando em conta aspectos como concentração, liberalização, aumento da concorrência e a intensificação das lógicas de mercado. Tais transformações conduziram as empresas de comunicação, neste caso, as TVs a uma orientação para o mercado e a conquista de novos telespectadores. Desta forma percebe-se a partir deste cenário um grande investimento em programas voltados para crianças, adolescentes e o público feminino com grande apelo para a comercialização de produtos infantis com influência norte- americana.

De acordo com Ponte (2005), com forte apelo à conquista de novos adeptos e a liderança na audiência, as grandes emissoras têm valorizado as pesquisas de opinião pública, com isto tem sido feitas reuniões de pauta envolvendo o telespectador a fim de conhecer seus desejos e transmitir de forma mais aproximada a reprodução da realidade. Esta informação serve para entendermos o porquê de percebermos na programação de emissoras como a Globo alguns discursos que antes não eram nem permitidos, muito menos veiculados, agora estão na programação. Ficou nitidamente claro que a quantidade de matérias que fala de seca dentro do primeiro aspecto é muito maior em relação ao segundo aspecto. Priorizam-se para o horário nobre apenas matérias com discurso da inviabilidade do semiárido, sendo que as que pautam a convivência vão ao ar nos horários mais inacessíveis. Temos aí um problema de audiência, onde o que é veiculado no horário nobre com o Jornal Nacional em dois minutos e meio é mais visto do que os 15 minutos de matéria veiculada no Globo Cidadania sobre a experiência do IRPAA. Desta forma é possível afirmar que na atual conjuntura na Rede Globo predomina o discurso da seca como fator novo, o apelo social à situação de pobreza das pessoas que povoam o Nordeste e a desvalorização da diversidade cultural e produtiva do semiárido brasileiro, repetindo um discurso que pode ser conferido desde a matéria que foi ao ar em 1983 até as últimas de 2013. Por outro lado não se pode negar que nesta mesma conjuntura há uma tendência em mediar este discurso apresentando outras experiências, perspectivas e as saídas que o povo nordestino tem encontrado para lidar com a realidade da seca.

Outra vertente é a veiculação do trabalho de assessoria das ONGs que tem uma política de convivência com o semiárido, até então este trabalho pouco aparecia, sendo que estas instituições tiveram historicamente seus trabalhos estereotipados na grande mídia brasileira. As matérias veiculadas pelos programas Profissão Repórter e pelo Globo Cidadania respectivamente mostram este novo cenário no sertão da Bahia. A diferença é que este outro discurso aparece apenas em programas de pouca audiência, como já havia ressaltado e comparado ao Jornal Nacional. São programas que possuem uma boa grade de programação com considerável aceitação de audiência, só que vão ao ar em horários muito específicos, sendo assistidos por públicos bem definidos, como estudantes, pesquisadores que já se interessam por determinados assuntos. O que continua sendo representando é o discurso que vai ao ar para uma grande parcela da

população, da qual chamamos de massa, desta forma o discurso da convivência com o semiárido ainda não ocupou a pauta do horário nobre, no qual a população brasileira se senta diante da TV.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi buscar compreender se o discurso da seca enquanto mantenedora de uma visão de invisibilidade do semiárido, bem como da convivência com o semiárido se fazia presente no discurso da Rede Globo de Televisão, utilizando para isto da análise das matérias e do embasamento teórico a fim de não esbarrar nas hipóteses pré-concebidas. Neste sentido possibilitou um olhar jornalístico investigativo trazendo como resultado um produto que supera nossas hipóteses e olhares limitados, podendo deste feito afirmar que os dois discursos estão presentes o que altera é que ainda prevalece na grade de programação da rede Globo um discurso sobre seca como fator limitante da região semiárida muito presente nos horários nobres e o discurso da convivência se faz presente nos programas de menos audiência, mesmo ocupando ate maior espaço de veiculação que o outro discurso. O que concluimos é de que os dois minutos e meio de uma matéria sobre a situação de miséria mostrada no Jornal Nacional representa mais do que os 15 minutos de uma matéria que foi ao ar no Programa Globo Cidadania sobre as tecnologias sociais de convivência com o semiárido na região de Juazeiro Bahia.

Por fim, este trabalho reúne elementos, que se propõem enquanto instrumentos para uma análise sobre a veiculação do semiárido em veículos da grande mídia, neste caso especificamente sobre Rede Globo de Televisão (veículo analisado), não deixando de se apresentarem como subsídios de visibilização do trabalho desenvolvido pelos agentes sociais, atores, atrizes e profissionais, indo para além do combate ao discurso do combate à seca, mas passando a exercer um olhar crítico sobre o modo de ver, ouvir e analisar a mídia.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**/Durval Muniz de Albuquerque Junior, prefácio de Margareth Rago. – 5. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ASA, Articulação do Semiárido. **Caminhos Para a Convivência com o Semiárido**. 10ª edição. Recife PE, Julho de 2011.

CARVALHO, Luzineide Dourado. Natureza, Território e Desenvolvimento no Semiárido. Educação e Convivência com o Semiárido/reflexões por dentro da UNEB/Edmerson dos Santos Reis, Luciana da Silva Nóbrega e Luzineide Dourado Carvalho(orgs.) Juazeiro-Bahia. 2011, 173p.

CARVALHO, M.J.L. FERREIRA, L. SERRÃO, J. **Delinquencia(s) e justiça: crianças e jovens em notícia**. In: PONTE, C.(Ed). Crianças e jovens em notícia. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.p.81-95.

ESPÍNOLA, José. Causas da Seca no Nordeste em 2012. Entrevista concedida ao Globo Rural 2012

EMBRAPA. Clima e água de chuva no semiárido. Disponível em info.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/CPATSA/36534/.../OPB1515.p..., 2005, acesso em 28/07/14

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Vitrine e Vidraça: **Crítica de mídia e qualidade no jornalismo** /Rogério Christofolletti (org). 1ed. Covilhão – Portugal: Lab com books/UBI, 2010.

FAVERO e SANTOS, **Semiárido: fome, esperança, vida digna**/Celso Antonio Favero, Stella Rodrigues dos Santos. _Salvador: UNEB, 2002.

GNADLINGER, João. **A busca da água no sertão: convivendo com o semiárido**/João Gnadlinger. – Juazeiro BA: IRPAA, 5º Ed. 2011, 84 p.

GLOBO RURAL. Nordeste tem maior seca dos últimos 30 anos. Matéria exibida em Novembro de 2012.

INTERVOZES – Coletivo Brasil de Comunicação Social. **A construção de um novo marco regulatório das comunicações no Brasil**, 2011.

IRPAA, Instituto regional da Pequena Agropecuária Apropriada. **A roça no sertão. Convivência com o Semiárido**. Fevereiro 2001. 4ª edição

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflito de classes**. 3 ed, Rio de Janeiro, Paz e terra, 1981. Estudos sobre o Nordeste, v.1.

PONTE, Cristina. Crianças e Jovens em Notícia. Lisboa, Livros Horizonte, 2005.

SANTOS, Juracy Marques dos. **Ecologia de Homens e Mulheres do Semiárido**/Organizador: Juracy Marques dos Santos. – Paulo Afonso – BA: Editora Fonte Viva, 2005. 220p.

SANTOS, Moacir José dos. **Seca é Seca Falta de água é política**. Artigo publicado, 2008

SOUZA, Uilson Viana de. **As tecnologias sociais como ferramentas de educomunicação e produção de conteúdo discursivo e imagético sobre o semiárido brasileiro: um relato de experiência das organizações sociais em conjunto com a ASA**. Artigo apresentado no I Workshop de Educação Contextualizada e no II Colóquio de Pós - graduação do Vale do São Francisco. Juazeiro, 2012.

TV GRANDE RIO, Petrolina PE Matéria exibida em 2011, sobre seca.